

Comunicação apresentada pela APICER no evento de encerramento do projeto EcoTermip, em 30/03/2021

Bom dia a todos, os que nos acompanham neste evento de encerramento do projeto EcoTermip, promovido pelo ISQ e o INEGI em parceria com 4 associações empresariais, entre as quais a APICER.

A APICER representa institucionalmente os setores da cerâmica e cristalaria, que se caracterizam pelo seu importante contributo para o volume de negócios, emprego e exportações nacionais, com valores que ultrapassaram os 740 milhões de euros em 2020.

De acordo com o balanço energético publicado pela Direção-Geral de Energia e Geologia, o consumo energético só na indústria cerâmica ascendeu a 299.709 tep, no ano de 2019 (último período com dados disponíveis).

Olhando para a indústria transformadora, verificamos que a cerâmica e o vidro posicionam-se entre os principais setores consumidores de gás natural, atendendo ao seu processo produtivo que exige elevados consumos de energia. Refiro a título de exemplo as etapas da secagem e cozedura de cerâmica

Alias, os materiais cerâmicos são caracterizados por serem consumidores intensivos de energia, representando o fator energético um peso de cerca de 25 a 30% na estrutura de custos.

Este peso na estrutura de custos e a sua repercussão na competitividade das nossas empresas, justifica que este tema mereça um acompanhamento e intervenção especial por parte da Direção da APICER, motivo pelo qual aderimos a este projeto quando o ISQ e o INEGI nos convidaram a ser parceiros no mesmo.

Dos resultados do projeto, queremos desde já destacar o documento de referência, em particular na parte que diz respeito à cerâmica, o qual identifica medidas que visam a redução do consumo de energia térmica e ecoeficiência para fornos, secadores e atomizadores, incluindo ainda 2 casos de estudo de recuperação de calor em empresas de produção de revestimentos e louça sanitária, assim como o estudo da viabilidade económica da aplicação destas medidas, contribuindo assim para o desenvolvimento destas, tornando-as mais eficientes e sustentáveis.

Aliás, os setores de cerâmica e cristalaria têm vindo ao longo dos tempos a dar resposta aos apelos da sustentabilidade e da inovação independentemente das imposições legais ou dos compromissos ambientais, que têm vindo a aumentar o seu tom à medida que crescem as preocupações com as alterações climáticas.

Tem sido esta a base da competitividade internacional que temos vindo a garantir e a melhorar ao longo dos anos, razão pela qual nos situamos nos primeiros lugares no ranking europeu e até mundial, em qualquer dos subsectores com os quais nos apresentamos nos 168 países para os quais exportamos.

Mas olhemos para o futuro e recordemos o PNEC 2030 que contempla entre os seus objetivos “Desenvolver uma indústria inovadora, competitiva e de baixo carbono” e identifica as tendências com efeitos na atividade industrial como sejam

- as alterações nos padrões de produção e consumo,
- a reorientação da economia linear para a economia circular
- a gestão eficiente dos recursos,
- a eletrificação,
- o papel da inovação tecnológica e
- a plena implementação da Indústria 4.0, apostando na robotização e na digitalização.

Para operar esta transição, entre as medidas identificadas que podem ser adotadas pela indústria contemplam-se a

- eficiência energética e de utilização dos recursos,
- a eletrificação, a adoção de fontes de energia renovável,
- o recurso ao hidrogénio verde,
- a adoção de processos e tecnologias de baixo carbono,
- a adoção de modelos de economia circular, incluindo o reaproveitamento de recursos, as simbioses industriais ou a adequação dos produtos e serviços visando reduzir a sua intensidade carbónica, ou oferecer produtos alternativos, de baixo carbono.

Na próxima década, é na componente dos recursos e da energia que se exige o maior contributo na transição para uma sociedade descarbonizada, com a eficiência energética a desempenhar um papel crucial, a par da inovação tecnológica que é fundamental em várias dimensões desta transição, permitindo dar resposta a setores da indústria em que as soluções existentes possam não ser adequadas nomeadamente para reduzir os custos das tecnologias de descarbonização, sobretudo as emergentes.

Temos um longo caminho a percorrer, mas acreditamos que os centros de conhecimento, investigação e desenvolvimento tecnológico nos acompanharão neste percurso, ajudando-nos a ultrapassar os obstáculos e a encontrar as respostas adequadas à especificidade e à realidade dos setores que representamos.

E termino, expressando os nossos votos para que a indústria portuguesa, e particularmente a cerâmica e a cristalaria, possam beneficiar dos resultados deste projeto e que este evento possa ajudar na sua divulgação e disseminação.

Albertina Sequeira
Diretora Geral da APICER